



## A AUTOMEDICAÇÃO NA TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

### *SELF-MEDICATION IN THE THIRD AGE: A BIBLIOGRAPHIC STUDY*

**Viulane dos Santos Bispo**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1197-9037>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, FACESA, GO, Brasil.

E-mail: [viulanebispo31@gmail.com](mailto:viulanebispo31@gmail.com)

**Evelyn Vieira Galvão**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1905-8208>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, FACESA, GO, Brasil.

E-mail: [evelynvieiragalvao@gmail.com](mailto:evelynvieiragalvao@gmail.com)

**Clézio Rodrigues de Carvalho Abreu**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1511-6917>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0474084524560630>

Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires, FACESA, GO, Brasil.

E-mail: [clezioabreu@senaaires.com.br](mailto:clezioabreu@senaaires.com.br)

### **RESUMO**

Este trabalho de cunho científico vem explicar acerca dos riscos da automedicação com foco nos grupos de terceira idade. É uma investigação científica que vem embasar os males para a saúde de quem pratica o ato de se automedicar. O método usado para a elaboração deste trabalho foi a análise bibliográfica que tem o objetivo de proporcionar meios que auxiliam na exploração do tema que é a automedicação em idosos, como também permite explorar novas áreas onde os mesmos ainda não se cristalizaram suficientemente. As coletas foram nas bases de dados para trabalhos científicos, Scielo, Bireme, Biblioteca Virtual e Samde. Os resultados constaram que foram coletados as amostras, no total de 40, porém, com o critério de inclusão e exclusão, citados nos materiais e métodos, sobrando 20 artigos para darem embasamento teórico ao projeto de pesquisa, pelo total das 20 amostras coletadas, tem-se uma média na quantidade dos artigos, deste modo, tem-se 2 artigos para cada ano, e somente os anos de 2019 e 2018 obtiveram 3 artigos. A automedicação é muito comum entre as pessoas, e é um problema gravíssimo principalmente na terceira idade, onde já encontram-se debilitados e com a saúde frágil. Os medicamentos são em sua maioria, de fácil acesso, gerando assim, uma rotina de compras e ingestões de fármacos sem o acompanhamento farmacêutico necessário. Concluiu-se que, em idosos, o número médio de medicamentos usados costuma ser alto, e cada pessoa pode usar de três a sete medicamentos. Porém, há evidências de que a taxa de automedicação entre os idosos é inferior à da população em geral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Automedicação. Terceira Idade. Farmacologia. Atenção Farmacêutica.

## **ABSTRACT**

*This scientific work explains the risks of self-medication with a focus on the elderly. It is a scientific investigation that supports the ills for the health of those who practice such acts of self-medication. The method used for the elaboration of this work was the bibliographic analysis that has the objective of providing means that assist in the exploration of the theme that is self-medication in the elderly, as well as allowing to explore new areas where they have not yet crystallized sufficiently. The data were collected in the databases for scientific work, Scielo, Bireme, Virtual Library and Samde. The results showed that 40 samples were collected, however, with the inclusion and exclusion criteria, cited in the materials and methods, leaving 20 articles to give theoretical support to the research project, for the total of the 20 samples collected, there is an average in the quantity of articles, thus, there are 2 articles for each year, and only the years 2019 and 2009, 3 articles were obtained. self-medication is very common among people, and it is a very serious health problem, and in old age, where they are already weak and their health is fragile. Most drugs are easily accessible, thus generating a routine of purchases and drug intakes without the necessary pharmaceutical monitoring.*

**KEYWORDS:** *Self-medication. Third Age. Pharmacology. Pharmaceutical attention.*

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho de cunho científico vem explicar a cerca dos riscos da automedicação com foco nos grupos de terceira idade. É uma investigação científica que visa embasar os males para a saúde de quem pratica o ato de se automedicar.

De acordo com a Política Nacional do Idoso (PIN), na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994 e o estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003), definem o idoso como a pessoa a partir dos 60 anos. Ao envelhecer o indivíduo sofre mudanças físicas, psicológicas e sociais, entretanto, cada um tem sua maneira própria de envelhecer, sendo assim, um processo multifatorial.<sup>1</sup> De acordo com a ANVISA (Agência de Vigilância Sanitária), a “automedicação é a utilização de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas, para tratamento de doenças cujos sintomas são “percebidos” pelo usuário, sem a avaliação prévia de um profissional de saúde (médico ou odontólogo).”<sup>2</sup> E ainda, segundo o órgão, “uma das preocupações frente à automedicação e ao uso indiscriminado de medicamentos é o risco de intoxicação”.<sup>3</sup> A automedicação é muito comum entre as pessoas, e é um problema gravíssimo principalmente na terceira idade, onde já encontram-se debilitados e com a saúde frágil. Os medicamentos são em sua maioria, de fácil acesso, gerando assim, uma rotina de compras e ingestões de fármacos sem o acompanhamento médico necessário.

Os idosos chegam a constituir 50% dos multiusuários. É comum encontrar em suas prescrições dosagens e indicações inadequadas, interações medicamentosas associações e redundância ¾ uso de fármacos pertencentes a uma mesma classe terapêutica ¾ e medicamentos sem valor terapêutico. Tais fatores podem gerar reações adversas aos medicamentos, algumas delas graves e fatais.<sup>4</sup>

Os objetivos gerais são, os riscos da automedicação para a terceira idade. E os específicos são, analisar quais os problemas que levam os indivíduos à automedicação, identificar quais os danos acarretados pela automedicação e levantar quais são as medicações mais utilizadas pelos idosos.

A metodologia do presente trabalho é exclusivamente bibliográfica, serão feitas pesquisas em bases de dados para trabalhos de cunho científico, são eles, Scielo,

Bireme, Biblioteca Virtual e Samde, usando os descritores, automedicação, terceira idade, farmacologia e atenção farmacêutica.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O método usado para a elaboração deste trabalho foi a análise bibliográfica que tem o objetivo de proporcionar meios que auxiliam na exploração do tema que é a automedicação em idosos, como também permite explorar novas áreas onde os mesmos ainda não se cristalizaram suficientemente. A metodologia bibliográfica permitiu-nos analisar o tema sob o pressuposto teórico sugerido inicialmente.

Após o levantamento das informações, foi feita uma seleção bibliográfica com os autores que formularam conteúdo acerca da automedicação em idosos, com o intuito de analisar as informações e formular a base para o desenvolvimento deste projeto acadêmico, empregando essa filtragem pode-se observar que o andamento do trabalho desenvolveu-se com maior facilidade. Pode-se concluir que esse modo de pesquisa deu suporte desde a definição do problema até a fase final do trabalho. Ao todo foram pesquisados 40 artigos científicos retirados na base online Scielo, Bireme, Biblioteca Virtual e Samde. Onde, 20 artigos foram excluídos. O critério de inclusão para as pesquisas bibliográficas foram autores conhecidos no meio acadêmico e artigos e teses disponíveis nas bases online com data de publicação do ano de 2001 ao ano de 2019. Os critérios de exclusão foram fontes desconhecidas e autores sem base científica, a anteriores ao ano de 2001 e posteriores ao ano de 2019.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando os resultados, inicialmente, foram prescritos os descritores para darem respaldo ao projeto, são eles, Automedicação; Terceira Idade; Farmacologia; Atenção Farmacêutica. Em seguida, foram coletados as amostras, no total de 40, porém, com o critério de inclusão e exclusão, citados nos materiais e métodos, sobrando 20 artigos para darem embasamento teórico ao projeto de pesquisa. Abaixo, as tabelas com quadro de artigos e descritores analisados e mensurados.

### Quadro 1- Parcial de artigos encontrados para cada descritor

Descritor	Número Específico	%
Automedicação	5	25%
Terceira Idade	5	25%
Farmacologia	5	25%
Atenção Farmacêutica	5	25%
TOTAL	<b>20</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: autoras (2020)

Com esta tabela, é notório que com os 20 artigos usados para a concretização do projeto, sendo assim, a mensuração do número de descritores encontrados foram, 5 de Automedicação; 5 de Terceira Idade; 5 de Farmacologia e 5 de Atenção Farmacêutica. Totalizando um percentual de 25% cada dentro da tabela.

### Quadro 2- Parcial de artigos para cada ano

Publicação	Número Específico	%
2001	2	14,87%
2005	2	14,87%
2007	2	14,87%
2008	2	14,87%

2009	2	15,31%
2010	2	14,87%
2011	3	15,31%
2018	3	14,87%
2019	3	14,87%
Total	20	99,09%

**Fonte:** autoras (2020)

Com a tabela 2, pode-se observar que pelo total das 20 amostras coletadas, tem-se uma média na quantidade dos artigos, deste modo, tem-se 2 artigos para cada ano, e somente os anos de 2011 e 2009, obtiveram 3 artigos. A seleção foi criteriosa, e feito minuciosamente para que o trabalho tenha eficácia e qualidade na concretização da pesquisa.

Os fármacos são um símbolo de saúde, por isso seu uso representa pessoas que buscam formas de restaurar ou manter a saúde. No entanto, o abuso, a subutilização ou o uso impróprio podem prejudicar a população e desperdiçar recursos públicos.<sup>5</sup>

A automedicação é uma forma comum de autocuidado, que envolve o consumo de determinados produtos com a finalidade de tratar ou aliviar sintomas ou perceber doenças, ou mesmo promover a saúde, independentemente das prescrições dos profissionais de saúde.<sup>6</sup>

Nestes termos, a automedicação pode ser benéfica até certo ponto, pois requer prescrição de um profissional para a obtenção da medicação com receituário, o que pode dificultar o alívio imediato dos sintomas, o que impede o indivíduo de optar por resolver o problema com base em sua própria experiência. Essa prática, segundo a OMS, evita muitas vezes, o colapso dos sistemas públicos de saúde, quando faz o atendimento aos casos transitórios, menos complexos ou de menor urgência.<sup>7</sup>

Há 20 anos, a automedicação no Brasil aumentou e esse processo continua até hoje. Esse fenômeno pode estar relacionado à insuficiência de recursos orçamentários para o Sistema Único de Saúde (SUS) e ao número insuficiente de médicos no setor saúde em algumas partes do país.<sup>8</sup>

Como a melhoria das leis de fiscalização e redistribuição e propagandas de medicamentos tornou-se uma tarefa que exige demasiado tempo e dinheiro, a automedicação vem sendo orientada, podem optar pela automedicação como meio de promoção da saúde, com o objetivo de respaldar aos pacientes um maior grau de autonomia.<sup>9</sup>

Ao contrário dos profissionais da saúde, a indústria farmacêutica aceita a automedicação, apontando suas vantagens no tratamento, prevenção ou alívio de problemas secundários de saúde, pois pode economizar tempo e custo com consulta médica, além de economizar, promovendo o bem-estar.<sup>10</sup>

Acerca da automedicação sem a orientação adequada de profissionais treinados, isso pode ser feito de maneira incorreta, tornando o autotratamento um risco. A automedicação insuficiente pode levar a consequências indesejáveis, encobrir

doenças iatrogênicas e evolutivas e, portanto, representar um problema de saúde pública que precisa ser prevenido.<sup>11</sup>

As graves consequências da automedicação incluem resistência bacteriana, hipersensibilidade, dependência física ou psicológica, sangramento gastrointestinal, estimulação da produção de anticorpos e aumento do risco de certos tumores. No Brasil, a intoxicação por drogas causa 29% das mortes e, na maioria das vezes, é decorrente da automedicação.<sup>12</sup>

Os sintomas mais comuns que levam à automedicação são infecção do trato respiratório superior (resfriado ou gripe), dores generalizadas (principalmente dor de cabeça) e dispepsia (indigestão). Dos medicamentos mais comumente usados, os analgésicos antipiréticos parecem ser os mais comuns. Em um estudo realizado no ano de 2010, analgésicos e relaxantes musculares são o grupo de tratamento mais auto-administrado e a dipiridina é a droga mais consumida.<sup>13</sup>

O aspecto do alto índice de uso dessas substâncias é o surto de dengue, pois sintomas semelhantes entre dengue e resfriado ou gripe podem ser confundidos, logo a ingestão de anticoagulantes como o ácido acetilsalicílico pode ser fatal.<sup>14</sup>

Igerindo a dipirona como exemplo, seu uso abusivo tem causado muitos efeitos colaterais, como anemia hemolítica e hipoplasia de medula óssea.<sup>15</sup>

A autoadministração insuficiente pode levar ao uso incorreto de medicamentos, doses insuficientes ou excessivas; o uso prolongado e o armazenamento de medicamentos em condições incorretas podem causar danos graves à saúde.<sup>16</sup>

A Resolução 586/2013 do Conselho Federal de Farmácia (CFF) recentemente publicada, regula a prescrição farmacêutica e dá autonomia para que os farmacêuticos receitem medicamentos isentos de prescrição, além de plantas medicinais, drogas vegetais e medicamentos fitoterápicos. O Conselho acredita que a Resolução promoverá a automedicação responsável, o rastreamento de sintomas de doenças, ou, inclusive, o incentivo a mudança de hábitos de vida, sem a necessidade de utilização de medicamentos.<sup>17</sup> Em idosos, o número médio de medicamentos usados costuma ser alto, e cada pessoa pode usar de três a sete medicamentos. Porém, há evidências de que a taxa de automedicação entre os idosos é inferior à da população em geral.<sup>18</sup>

Em comparação com outras faixas etárias, os idosos usam mais serviços de saúde, têm mais hospitalizações do que os adultos e ocupam mais leitos. Porém, com o aumento da idade, a prevalência de doenças crônicas exige um aumento no consumo de medicamentos, um dos itens mais importantes da atenção à saúde do idoso, sendo cada vez mais exigida a racionalidade do tratamento medicamentoso.<sup>19</sup>

O consumo de medicamentos sem orientação trará riscos à saúde, e alguns desses fatores afetaram isso, em um aspecto mais geral, as alterações farmacocinéticas de vários medicamentos são muito proeminentes devido às alterações fisiológicas associadas ao envelhecimento.<sup>20</sup>

No campo dos medicamentos prescritos, o aumento dos déficits cognitivos e visuais dificulta o reconhecimento dos medicamentos e o cumprimento integral das prescrições dos tratamentos pelos idosos.<sup>21</sup>

Em pacientes idosos, muitos eventos são problemas previsíveis, principalmente imobilidade e quedas devido a fraturas associadas ao uso de determinados medicamentos, bem como a ocorrência de depressão, confusão e constipação.<sup>22</sup>

As alterações fisiológicas do idoso não afetarão apenas a farmacocinética do medicamento, mas também afetarão seu cotidiano, pois diante da múltipla prática de medicamentos, além dos possíveis efeitos colaterais graves, a administração do medicamento pode ser confusa. Ao contrário, o índice de medicamentos dessa faixa

etária é baixo e a autoadministração deve atender aos medicamentos prescritos existentes para doenças crônicas.<sup>23,24</sup>

## **CONCLUSÃO**

Constatou-se que com as pesquisas bibliográficas pesquisadas que, devido ao fato de as estatísticas apresentarem que a população idosa vem crescendo de forma acentuada no Brasil e no mundo. No Sistema Único de Saúde, pode-se observar que grande parte dos multiusuários são idosos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os idosos são todos com mais de 60 anos. Diante de tais estatísticas, nota-se que este grupo merece uma atenção especial, pois lhe são prescritos medicamentos diversos associados ao envelhecimento, normalmente, são para hipertensão arterial, colesterol, diabetes, depressão, osteoporose, dentre muitos outros, por serem acometidos por múltiplas doenças.

Nestas perspectivas, a automedicação é muito comum entre as pessoas, e é um problema gravíssimo principalmente na terceira idade, onde já encontram-se debilitados com a saúde frágil. Os medicamentos são em sua maioria, de fácil acesso, gerando assim, uma rotina de compras e ingestões de fármacos sem o acompanhamento médico necessário. Ao usar terapia para dor de estômago por muito tempo, ela reduzirá a absorção de substâncias importantes, como ferro e cálcio, necessárias para a velhice, e causará anemia e osteoporose.

Pelo menos 35% dos medicamentos adquiridos no Brasil são feitos por autoadministração. Para cada dois medicamentos apropriados, o consumo deve ser baseado na experiência de pelo menos uma pessoa, palpites do vizinho, dicas de conhecidos, anúncios e recomendações da equipe da farmácia ou outros profissionais informais.

O papel do farmacêutico, neste sentido, é focado na prevenção, seu papel é identificar e solucionar problemas pertinentes aos medicamentos, orientando ao paciente quanto à interação medicamentosas e também à toxicidade.

## **REFERÊNCIAS**

1. Castro et al. Automedicação: Entendemos o risco? *Infarma*, v.18, nº 9/10, 2006. Página 121.
2. Luchessi, A. D. Monitoração de propaganda e publicidade de medicamentos: Âmbito de São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas* vol. 41, n. 3, 2005. Página 64.
3. Arrais, P. S. D. Perfil da automedicação no Brasil. *Rev. Saúde pública*, 2000. Página 89.
4. Narciso, A. Prevalência da Automedicação nos alunos do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas da ULHT. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2013. Página 34.
5. Filho et al. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev. Saúde Pública*: 2002. Página 89.

6. João, W. S. J. Reflexões sobre o Uso Racional de Medicamentos. Brasília – DF: Pharmacia Brasileira nº 78, 2010. Disponível em Acessado em 30 de setembro de 2013.
7. Lefèvre, F. A função simbólica dos medicamentos. Rev. Saúde Pública, 2000, v. 17, página 500-503.
8. Lopes, N. M. Automedicação: algumas reflexões sociológicas. Sociologia, Problemas E Práticas, n.º 37, página 141-165, 2001.
9. Naves J, Castro L, Carvalho C, Hamann E. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. Ciência & Saúde Coletiva, 2010. Página 67.
10. Paula, P. A. B. et al. O uso do medicamento na percepção do usuário do Programa Hiperdia. Ciência & Saúde Coletiva, 2011. Página 74.
11. Sá, M. B. Automedicação em idosos: Salgueiro – PE, 2004. Recife. 2005. 109 p. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, UFPE, 2005. Página 68.
12. Organização Panamericana de Saúde-Opas. O Papel do farmacêutico no Sistema de Atenção à Saúde. Brasília: Organização Pan Americana de Saúde, 2004. Página 92
13. Lefèvre, F. O Medicamento como mercadoria simbólica. São Paulo: Cortez, 1991. Página 211.
14. Veras, R. P. País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relum- Drumará, 1994. Página 224.
15. Santos, J. S. Farmácia brasileira: utopia e realidade. Brasília: Wmoura Editora, 2003. Página 260.
16. Meirelles BHS, Arruda C, Simon E, Vieira FMA, Cortezi MDV, Natividade MSL. Condições associadas à qualidade de vida dos idosos com doença crônica. 2010. Página 67.
17. Araújo JJC, Vicentini GE. Automedicação em adultos na cidade de Guairaça, PR. ArqCiênc Saúde Unipar. 2007; 11:83-8. Página 89.
18. Barros SM, Cabral BJA, Oliveira SPPB. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro, PE. 2018; Página 90.
19. Flores VB, Benvegnú AL. Perfil de utilização de medicamentos em idosos da zona urbana de Santa Rosa, RS. Cad Saúde Pública. 2008; 24:1439-46. Página 61.
20. Loyola FAI, Uchoa E, Lima CMF. Estudo epidemiológico de base populacional sobre uso de medicamentos entre idosos na região metropolitana de Belo Horizonte, MG. CadSaúde Pública. 2019; Página 111.
21. Silva RB, Corte TWF. A propaganda de medicamentos e sua adequação conforme a RDC 96/2008. RevGrad PUCRS. 2018; Página 12.

22. Araújo JJC, Vicentini GE. Automedicação em adultos na cidade de Guairaça, PR. ArqCiênc Saúde Unipar. 2018; 11:83-8. Página 56.
23. Nascimento, M. C. Medicamentos: ameaça ou apóio à saúde? Rio de Janeiro: Vieira &Lent, 2019. Página 17.
24. Marconi, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019. Página 97.